

Herta Müller

∞

HOJE PREFERIA  
NÃO ME TER ENCONTRADO

Romance

Traduzido do alemão por  
Aires Graça



A tradução desta obra teve o apoio de um subsídio do Goethe-Institut fundado pelo Ministério Alemão dos Negócios Estrangeiros.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.



Título: *Hoje Preferia não Me Ter Encontrado*

Título original: *Heute wär ich mir lieber nicht begegnet*

© 2009, Herta Müller/Carl Hanser Verlag, München

Publicado pela primeira vez em 1997 Rowohlt Verlag

© 2011, Publicações Dom Quixote

Edição: Cecília Andrade

Revisão: Clara Boléo

Este livro foi composto em Rongel  
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano  
Capa: Rui Garrido  
Imagem da capa: © Corbis / VMI  
Paginação: Júlio de Carvalho – Artes Gráficas  
Impressão e acabamento: Mirandela - Artes Gráficas

1.ª edição: Agosto de 2011

Depósito legal n.º 330 007/11

ISBN: 978-972-20-4690-9

Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)



Fui intimada. Quinta-feira, dez em ponto.

Sou intimada cada vez mais vezes: terça-feira, dez em ponto, sábado, dez em ponto, quarta-feira, segunda-feira. Como se coubessem anos numa semana. Por este andar bem me espanta que, chegado o fim do verão, possa de novo em breve ser inverno.

No caminho para o carro elétrico, os arbustos vergam-se de novo sob o peso das bagas brancas, trespassando as cercas. Como botões de madrepérola, cosidos pela base, quem sabe até às entranhas da terra, ou como bolinhas de pão. As bagas são demasiado pequenas para cabeças brancas de pássaro, de bicos voltados para trás, mesmo assim é em cabeças brancas de pássaro que sou obrigada a pensar. Dá uma sensação de vertigem. Prefiro então pensar em salpicos de neve sobre a relva, mas uma pessoa sente-se perdida. E de pensar em giz, sonolenta.

O carro elétrico não tem horários fixos.

Parece-me que ouço o seu rumorejar, se é que não são os choupos de folhagem dura. Olha, já aí vem, hoje está apostado em levar-me logo consigo. Tinha decidido deixar o senhor idoso do chapéu de palha subir à minha frente. Quando cheguei já estava na paragem, sabe-se lá há quanto tempo. Não é que ele seja decrepito, mas é magro como a sua sombra, corcovado e baço.

Dentro das calças não há traseiro nem quadris que se vejam, só a protuberância dos joelhos. Mas se, logo agora que a porta se abriu, ele precisa de escarrar para o chão, entro mesmo à sua frente. Quase todos os lugares estão vazios, ele passa-os em revista com os olhos e depois fica de pé. Um enigma que gente desta idade não ande cansada e não se guarde para ficar de pé onde não há possibilidade de sentar-se. Às vezes são os velhos que dizem: Já chega o tempo que se fica deitado no cemitério. Não é que estejam a pensar na morte, no que aliás têm toda a razão. As coisas não acontecem por ordem cronológica, também morre gente nova. Eu cá sento-me sempre que não tenho de ficar de pé. Viajar num assento é como caminhar sentado. O homem mira-me de cima a baixo. Uma pessoa pressente-o logo nestes carros vazios. Não estou com a cabeça livre para conversas, se não perguntaria o que há tanto em mim para olhar. Ele pouco se importa que a sua mironice me incomode. Lá fora passa meia cidade a correr, alternando entre casas e árvores. Diz-se que a gente desta idade pressente mais as coisas do que a gente nova. Talvez até que trago hoje na carteira uma toalhinha, escova e pasta de dentes. Mas nenhum lenço, porque não pretendo chorar. O Paul não pressentiu o medo que tenho que o Albu me possa conduzir à cela que fica por baixo do seu gabinete. Eu não lhe disse nada. Se acontecer, ainda vai saber muito a tempo. O carro elétrico avança devagar. O chapéu de palha do idoso tem uma fita com nódoas, provavelmente do suor, ou da chuva. Quando me cumprimentar, o Albu vai dar-me como sempre um beijo na mão, com cuspo.

O major Albu levanta a minha mão pela ponta dos dedos e aperta-me tanto as unhas que sinto vontade de gritar. Beijame os dedos com o lábio inferior, o superior ele mantém livre para

poder falar. Dá-me o beija-mão sempre do mesmo jeito, mas quando fala diz sempre uma coisa diferente:

Bem, bem, hoje tens os olhos inflamados.

Parece-me que te está a crescer um bigode, um pouco cedo de mais para a tua idade.

Ai, a mãozinha hoje está gelada, espero que não seja da circulação.

Oh diabo, as tuas gengivas estão a mirrar, já pareces a tua avozinha.

A minha avozinha não chegou a velha, disse eu, não teve tempo de perder os dentes. O que aconteceu com os dentes da minha avozinha o Albu saberá, já que fala deles.

Uma mulher sabe que aspeto tem todos os dias. E que um beija-mão, primeiro, não dói, segundo, não é molhado, terceiro, dá-se nas costas da mão. Que aspeto deve ter sabem-no os homens melhor que as mulheres, o Albu também de certeza. A sua cabeça toda cheira a Abril, um perfume francês que também o meu sogro comunista usava, que aliás de comunista também só tinha o cheiro. Nenhuma das outras pessoas que conheço o compraria. Custa no mercado negro mais do que na loja um fato. Até lhe podem chamar setembro, que nunca hei de confundir aquele odor amargo, fumoso, de folhagem a arder.

Quando me sento em frente da mesinha, o Albu vê que esfrego os dedos na saia, não só para voltar a senti-los, mas também para limpar o cuspo. Ele dá voltas ao anel de sinete e deita um sorrisinho irónico. Não interessa, o cuspo a gente pode limpá-lo, até seca por si e não é veneno. Cuspo todos trazem na boca. Há outros que cospem para cima do passeio e raspam com o sapato, porque até no passeio é uma indecência. Na cidade o Albu não cospe de certeza para cima do passeio, onde ninguém o conhece dá-se ares de senhor fino. As minhas unhas doem, mas ele ainda nunca as apertou até ficarem pisadas. E elas voltam a descongelar,

como se de repente as mãos geladas se aproximassem do calor. A sensação de que o cérebro se me escorrega para a frente, para a cara, isso é que é um veneno. A humilhação. Que outra palavra se poderá usar quando uma pessoa se sente descalça no corpo todo. E que fazer, quando com a palavra não é possível dizer muito, quando até a melhor palavra pouco diz.

Desde as três da madrugada de hoje que escuto o tiquetaque do despertador: Intimada, intimada, intimada... A dormir, o Paul atravessa a cama com um pontapé, recuando depois com um estremeção, tão repentino que, sem acordar, ele próprio se assusta. Já se tornou hábito. Foi-se-me o sono. Fico deitada, desperta, e sei que devia fechar os olhos para voltar a adormecer. Mas não fecho. Já tantas vezes desaprendi o sono e fui obrigada a reaprender como funciona. E funciona muito naturalmente ou não funciona de todo. Tudo dorme pela madrugada, até os cães e os gatos só metade da noite vagueiam pelos latões do lixo. Quando se sabe que não se consegue dormir, é mais fácil pensar em algo luminoso no quarto às escuras, do que em vão cerrar os olhos com força. Com neve, troncos de árvores branqueados, salas brancas, muita areia, foi assim que espantei o tempo, mais vezes do que gostaria, até o dia clarear. Hoje de manhã podia ter pensado em girassóis, o que também fiz, mas não consigo esquecer que estou intimada para as dez em ponto. A partir do momento em que o despertador se pôs a tiquetaquear intimada, intimada, intimada, vi-me compelida a pensar no major Albu, ainda antes de pensar em mim e no Paul. Hoje, quando o Paul estremeceu, eu já estava acordada. Quando a janela alvoreceu, já eu tinha visto no teto do quarto, em ponto grande, a boca do Albu, a ponta da língua rosada por detrás da fileira dos dentes inferiores, e ouvido a sua voz trocista:

Porquê tantos nervos, estamos só a começar.

Só quando fico duas, três semanas sem ser intimada é que sou acordada pelas pernas do Paul. Então fico contente, é sinal de que já reaprendi como funciona o sono.

Quando já reaprendi o sono e pergunto ao Paul de manhã: O que é que sonhaste, ele não consegue lembrar-se de nada. Eu mostro-lhe como é ele a dar um coice com os dedos dos pés em leque, depois num ápice a recolher as pernas e a apertar os dedos para dentro. Puxo a cadeira de ao pé da mesa para o meio da cozinha, sento-me nela, sustenho as pernas no ar e faço-lhe uma demonstração completa. Então o Paul consegue rir e eu digo:

Estás a rir de ti.

Pois é, talvez no sonho estivesse a andar de mota e trazia-te comigo na garupa, diz ele.

O estremeção é semelhante a um arranque para a frente e, a meio, retirada súbita, imagino que seja da bebida. Mas não digo nada. Nem que a noite ao partir leva consigo o entorpecimento das pernas que o fazia cambalear. Deve ser assim, ela agarra o torpor à altura dos joelhos, puxa-o primeiro para os dedos dos pés, depois para o quarto escuro como breu. E pela manhã, quando a cidade dorme alienada, para o negrume da rua lá fora. Se assim não fosse, o Paul não conseguiria manter-se direito de pé ao acordar. Se de todos a noite levasse a borracheira, a sua grossura pela manhã chegaria até às estrelas. São tantos os que bebem na cidade.

Pouco depois das quatro, na rua das lojas, em baixo, chegam as carrinhas da distribuição. Rasgam o silêncio, ronronam muito e distribuem pouco, algumas caixas com pão, leite e legumes, e muitas com aguardente. Se a comida lá em baixo se esgota, as mulheres e as crianças resignam-se, as filas dispersam, os caminhos conduzem a casa. Mas se as garrafas se esgotam, os homens amaldiçoam a vida e deitam a mão à faca. Os vendedores lá os acal-

mam, mas só dura até se verem na rua. Partem à procura, vagueiam por toda a cidade. As primeiras pancadarias são por não encontrarem aguardente, as que se seguem por estarem bêbados que nem cachos.

A aguardente cresce no Hügelland, a região das colinas entre os Cárpatos e a planície estéril. Erguem-se aí tantas ameixeiras que mal se veem as minúsculas aldeias de permeio. Florestas inteiras, pintalgadas de azul no verão tardio, os ramos arqueados de tanto peso. A aguardente tem o mesmo nome da região das colinas, mas ninguém usa a designação que vem no rótulo. Nem precisava de nome, só existe uma aguardente na terra e as gentes nomeiam-na a partir da imagem do rótulo: «Duas ameixas». A dupla de ameixas, de face encostada, é tão familiar aos homens como a Virgem Maria com o Menino às mulheres. Dizem que as ameixas retratam o amor que existe entre o bebedor e a garrafa. Cá para mim, as ameixas de face encostada assemelham-se mais às fotografias de casamento do que à Maria com o Menino. Não há nenhuma imagem na igreja em que a cabeça do Menino esteja à mesma altura da de sua mãe. O Menino encosta a sua testa à face da Virgem, a face ao seu pescoço e o queixo ao peito. Além disso, a relação que existe entre o bebedor e a garrafa é a mesma dos casais na fotografia da boda. Destroem-se um ao outro e não se largam da mão.

Na fotografia do meu casamento com o Paul não trago ramo nem véu. O amor brilha-me novo nos olhos, embora nela esteja a casar pela segunda vez. As nossas faces encostam-se como duas ameixas. Desde que o Paul bebe tanto, a nossa fotografia de casamento é um prenúncio. Quando o Paul anda pela cidade até noite dentro no giro da borracheira, fico com medo de que nunca mais volte para casa e fixo os olhos na fotografia do casamento que está na parede até a imagem se desfocar. Então os nossos rostos nadam, a posição das nossas faces muda, entre elas faz-se um

pouco de ar. Na maior parte das vezes, a face do Paul nada para longe da minha, como se ele voltasse tarde para casa. Mas volta. O Paul ainda conseguiu sempre voltar para casa, até mesmo depois do acidente.

Às vezes fazem distribuição de vodka de erva-búfalo, vinda da Polónia, daquela agri-doce, amarela. É a primeira a vender-se. Em cada garrafa está afogado um talo comprido, que treme ao deitar para o copo, mas nunca cai ou sai na enxurrada. A gente dos copos diz:

O talo de erva permanece na garrafa como a alma dentro do corpo, por isso protege a alma.

Esta crença é inseparável do sabor que arde na boca e da borracheira que lateja na cabeça. Os beberrões abrem a garrafa, o líquido gorgoleja para o copo, o primeiro golo corre pela garganta. A alma que sempre treme, nunca cai e nunca deixa o corpo, começa a ficar protegida. Também o Paul protege a sua alma e nunca terá de dizer a si próprio que a sua vida não tem jeito. Talvez sem mim ela fosse boa, mas nós gostamos de estar juntos. A aguardente varre o dia, e a noite a borracheira. Daquele tempo em que ainda de madrugada tinha de ir para a fábrica de confeção, sei que os operários diziam: A engrenagem das máquinas de costura lubrifica-se pelas rodinhas, o realejo das pessoas pela garganta.

Nessa altura eu e o Paul saíamos todos os dias de mota para o trabalho às cinco em ponto. Víamos as carrinhas da distribuição diante das lojas, os motoristas, os carregadores das caixas, os vendedores e a lua. Agora só ouço o barulho e não vou à janela, e também não olho para a lua. Ainda sei que ela deixa a cidade de um lado do céu, como um ovo de ganso, e que do outro chega o sol. Nisso nada mudou. Também antes de eu conhecer o Paul e ir a pé para o carro elétrico acontecia o mesmo. Pelo caminho, inquietava-me haver lá em cima no céu uma coisa tão bonita e cá

em baixo na terra nenhuma lei que proibisse levantar os olhos. Era por isso permitido colher alguma coisa do dia, antes de ele se tornar miserável na fábrica. Eu sentia frio por não conseguir faltar-me de observar as coisas, não por estar mal agasalhada. A essa hora a lua apresenta-se carcomida e, no extremo da cidade, não sabe para onde ir. O céu tem de soltar-se do chão quando clareia o dia. As ruas sobem e descem abruptas sobre a terra plana. Os carros elétricos andam para cá e para lá como quartos iluminados.

Também os carros elétricos eu conheço por dentro. Quem neles entra a esta hora traz manga curta, uma pastinha de couro coçado e em ambos os braços pele de galinha. É olhado e medido com preguiçoso desdém. É gente da igualha, é classe operária. Gente de melhor qualidade vai de carro para o trabalho. E fazem-se comparações: Aquele está melhor na vida, aquele pior. Igualzinho na vida como nós próprios não está ninguém, nem pensar. O tempo aperta, a seguir vêm as fábricas, depois de vistoriados saem uns atrás dos outros. Sapatos engraxados ou cheios de pó, tacões direitos ou cambados, um colarinho acabado de passar ou engelhado, unhas, braceletes de relógio, fivelas de cinto, risco de cabelo, tudo pulsa de inveja ou de desprezo. Nada se consegue esconder de olhares estremunhados, nem no meio do aperto. A classe operária está à cata das diferenças, não há igualdade de manhã. O sol viaja com ela dentro do elétrico e puxa lá fora as nuvens, brancas e vermelhas, para cima, para o braseiro do meio-dia. Ninguém veste casaco, rapar frio de manhã significa ar fresco, porque ao meio-dia chegam a poeira espessa e o calor infernal.

Por esta altura, quando não estou intimada, ainda temos direito a mais umas horas de sono. O sono do dia, em vez de negro profundo, é superficial e amarelo. Dormimos desassossegados, o sol cai-nos sobre a almofada. Em contrapartida, é possível encurtar o dia. Mas ainda fica tempo de sobra para sermos vigiados, o

dia não foge. Arranjam sempre qualquer coisa de que nos acusar, mesmo que durmamos quase até ao meio-dia. Seja como for, acusam-nos sempre de alguma coisa que já não se pode mudar. Dormimos, mas o dia espera por nós, e depois uma cama não é outro país. Só nos vão deixar em paz quando já estivermos deitados ao lado da Lilli.

Claro que o Paul também precisa de curar a bebedeira com um bom sono. Só por volta do meio-dia a cabeça lhe assenta firme no cachaço, a boca consegue outra vez falar e não sorve as palavras com a voz que lhe foi emprestada pela carraspana. Só a respiração ainda cheira. Quando o Paul vem à cozinha, é como se eu tivesse de passar pela porta aberta do bar lá em baixo. Desde a primavera, a lei regula o horário de venda ao público de bebidas alcoólicas e só depois das onze é que se pode beber. Mas o bar continua a abrir às seis e até às onze a aguardente aparece em chávenas de café, depois disso há copos.

O Paul bebe e já não é o mesmo, cura a bebedeira a dormir e volta ao seu normal. Pelo meio-dia já tudo novamente teria passado, mas novamente tudo se irá estragar. O Paul protege a minha alma até a erva-búfalo sentir securas e eu ponho-me a matutar quem somos, eu e ele, até se me esgotar a sabedoria. Quando nos sentamos à mesa da cozinha pelo meio-dia, é má política falar na bebedeira de ontem à noite. Mesmo assim, ora digo uma coisa, ora digo outra:

A aguardente não resolve nada.

Porque é que me fazes a vida difícil.

A tua bebedeira, ontem, era maior que esta cozinha toda.

É verdade, a casa é pequena e eu não quero evitar o Paul, mas quando ficamos em casa, ficamos demasiadas vezes sentados na cozinha durante o dia. À tarde ele já está bêbedo e à noite ainda mais. Eu adio a conversa porque ele fica rabugento. Espero a noite inteira até ele se sentar outra vez sóbrio na cozinha, com os olhos

de cebola pregados na testa. O que então lhe digo ele nem ouve. Gostava que por uma só vez o Paul me desse razão. Mas quem bebe não faz declarações de culpa, nem sequer silenciosas a si próprio, e tiradas a ferros por outros que estão à espera, ainda menos. O Paul pensa na bebida logo que acorda e nega-o. Por isso não existe verdade. Quando ele passa por mim, me ouve e não emudece, diz-me para o dia inteiro:

Não te preocupes, não bebo por desespero, mas porque me sabe bem.

Pode ser, digo eu, tu pensas com a língua.

O Paul olha para o céu pela janela da cozinha, ou para dentro da chávena. Toca ao de leve com o dedo as gotas de café no tampo da mesa, como se precisasse de se convencer de que são molhadas e ficam maiores quando se esborracham. Pega-me na mão, eu olho para o céu pela janela da cozinha, para dentro da chávena, toco também ao de leve com o dedo numa ou noutra gota de café no tampo da mesa. A lata vermelha de esmalte fica a olhar para nós, eu devolvo o olhar. O Paul não, ou teria de fazer hoje planos diferentes dos de ontem. Será então força ou fraqueza ele calar-se, em vez de dizer: Hoje não bebo. Ontem o Paul voltou a dizer:

Não te preocupes, a tua criatura bebe porque lhe sabe bem.

As pernas carregaram-no pelo corredor, ora pesadas de mais ora leves de mais, como se tivessem dentro areia e ar em grande reboição. Pousei-lhe a minha mão à roda do pescoço, acariciei-lhe a aspereza da barba, que tanto gosto de tocar de manhã, por ter crescido durante o sono. Ele puxou a minha mão para cima até debaixo do olho, esta escorregou-lhe pela face abaixo até ao queixo. Eu não retirei os dedos, pensei só com os meus botões:

Não se deve encostar nada à face, quando se conhece a imagem das duas ameixas.

Gosto de ouvir o Paul falar assim pelo fim da manhã, e isso não me agrada nada. Precisamente quando recuo para lhe fugir, ele